

POLIFONIA	CUIABÁ	EdUFMT	Nº 06	P. 19-31	2003	ISSN 0104-687X
-----------	--------	--------	-------	----------	------	----------------

## **Elementos para uma história da literatura em Mato Grosso**

Franceli Aparecida da Silva Mello (UFMT)

**ABSTRACT:** Assuming that literary system is supported by the 'author-text-reader' tripod, this article tries to present the first results of actual survey on the history of literature in the Brazilian State of Mato Grosso, under a different point of view, the one that brings the reader into focus. For having kept this in mind, we adopted the 'interviewing exploratory-empirical' research as a method, along with a documental research. Through the analysis of their combined results, we hope to be contributing to the existing effort towards the elaboration of a theoretical panel on literature in Mato Grosso.

**KEY WORDS:** literature, reading, Mato Grosso.

**RESUMO:** Partindo do pressuposto de que todo sistema literário apoia-se no tripé: autor-obra-leitor, pretende-se, aqui, apresentar os primeiros resultados de uma pesquisa sobre a história da literatura em Mato Grosso, sob um ponto de vista diferente, qual seja, aquele centrado na figura do leitor. Para tanto, adotou-se como procedimento metodológico a pesquisa empírico-exploratória (entrevistas) e a pesquisa documental. Através da análise dos dados obtidos, espera-se contribuir para a composição de um quadro teórico sobre a literatura em Mato Grosso.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura, leitura, Mato Grosso.

A história da leitura é um ramo relativamente novo da ciência e abarca pelo menos cinco áreas do conhecimento, quais sejam: história, sociologia, educação, lingüística e literatura, sendo esta última a que vai nos interessar mais de perto, uma vez que o propósito do presente trabalho é apresentar a pesquisa que

vimos realizando na UFMT, cujo objetivo é o de contribuir para a composição de um quadro, o mais completo possível, sobre o fenômeno literário em Mato Grosso.

Não existe literatura sem leitor. Esta constatação, aparentemente óbvia, parece não ter sido considerada pelos teóricos e historiadores da literatura até o século XVIII, quando a figura do leitor ganha visibilidade ao determinar, através de suas preferências, os rumos do mercado editorial, então incipiente.

Em recente publicação intitulada *Fim do livro, fim dos leitores?*, Regina Zilberman (2001) traça uma cronologia dos estudos sobre a figura do leitor, na qual registra a importante contribuição de Jean-Paul Sartre, que no ensaio *O que é literatura?*, de 1947, chama a atenção para o papel do leitor no processo de criação literária. Ao discorrer sobre a diferença entre prosa e poesia, o filósofo francês afirma que a primeira se oferece com facilidade ao leitor, a quem visa influenciar; a poesia, por sua vez, seria mais fechada sobre si mesma, não se preocupando em ser penetrada pelo leitor. Não obstante sua relevância, a autora pondera que a contribuição de Sartre peca pela unilateralidade, isto é, considera apenas a ação da obra sobre o leitor.

Num sentido mais abrangente, ou seja, considerando a reciprocidade de influências entre leitor e obra, nos anos de 1960, os críticos literários Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser publicam seus primeiros trabalhos na linha da estética da recepção, uma corrente da teoria literária que elege o leitor como alvo principal de seus estudos.

Antes disso, a sociologia já havia adentrado no campo da pesquisa sobre a relação obra/público na constituição do sistema literário. Em 1923, L. L. Schücking publica na Alemanha *A sociologia do gosto literário*, no qual mostra como as preferências do público interferem na circulação e na produção do livro, preferências que, por sua vez, são influenciadas pelas agências formadoras do gosto: a crítica literária e a escola, principalmente.

Em 1931, Q. D. Leavis estuda, em *A ficção e o público leitor*, as preferências literárias das classes populares na Inglaterra, concluindo pelo seu mau gosto, ao aderirem à cultura de massa e ao *best-seller*. Seguindo a atitude elitista de seu colega, em *Os usos da alfabetização* (1957), Richard Hoggart

relaciona o aumento da alfabetização nas classes populares com o consumo de uma literatura de pequena importância cultural. Richard Altick, no entanto, rebate essa postura e, em seu *O leitor inglês comum*, de 1957, relaciona o aumento do público leitor e o advento da literatura de massa à democracia da imprensa. Em 1978, Louis James, em *A imprensa e o povo*, irá retomar essa tese, acrescentando que a democratização da leitura resultou na sua politização e na adesão aos interesses das camadas operárias. Referindo-se ao século XIX inglês, o autor ressalta a importância não só dos livros, mas do jornal, dos folhetos e dos cartazes.

Atualmente a história da leitura conta com nomes como os de Robert Darnton, que concentra seus estudos na investigação das condições de circulação de obras escritas e no horizonte de consumo literário na França do século XVIII. Aqui temos a sociologia desafiando a história literária. Esta, ao ter a pretensão de caracterizar as épocas artísticas, não consegue abarcar o universo das publicações, nem o impacto das obras publicadas num determinado período. A pesquisa de Darnton revela-nos, entre outras coisas, que nem sempre a leitura foi vista com bons olhos pela sociedade e que, só com a ascensão da burguesia ao poder, ela passa a ser relacionada com enobrecimento intelectual, representando o progresso, o amor à arte e o culto à ciência.

Diferentemente das histórias literárias tradicionais, a história da leitura coloca o leitor na posição de protagonista, porém não exclui o estudo do livro, nem do escritor. Nessa linha temos o trabalho de Robert Escarpit, que examina questões relativas às culturas erudita e de massa; às políticas de popularização de livro e da leitura; ao comportamento do mercado editorial, etc.

Outro estudioso da área, Jacques Dubois, investiga o papel das instituições - a escola, a crítica literária, a academia, a imprensa -, capazes de legitimar o estatuto de certas produções artísticas em detrimento de outras.

Uma ciência da leitura de orientação sociológica nasce do cruzamento de dois processos: a história passada e dados do presente. Assim, Jacques Leenhardt nos chama a atenção para a necessidade de se investigar leitores contemporâneos, enquanto

Jean Hébrard opta pelo estudo do leitor, do passado ou do presente, dentro de uma classe ou grupo social.

Roger Chartier substitui a relação indivíduo/sociedade pela relação leitor/texto. Desse modo, ultrapassa a questão social para chegar ao relacionamento do ser humano com o mundo. Para Chartier, a leitura não é uma invariante histórica, as transformações por que passa dependem de fatores econômicos, materiais e das formas de sociabilidade das representações do saber e do lazer, bem como das concepções de individualidade. No seu entender, a leitura estabelece uma relação dialética com o leitor, que, não sendo passivo, fica com a última palavra. Esta, contudo, não é sua, e sim da sociedade que o faz falar.

Outra contribuição importante de Roger Chartier para os estudos sobre a leitura diz respeito ao combate ao eurocentrismo dos historiadores da leitura. A maioria deles considera a invenção da imprensa em 1455, por Gutenberg, como a primeira revolução da leitura. Segundo Chartier, o Oriente já conhecia formas de impressão antes do século XV - a gravação na madeira, no Japão, e o tipo móvel em terracota, na China.

O autor não nega os méritos da invenção de Gutenberg, dentre eles o de tornar possível a reprodução em grande escala, transformando as condições de transmissão e recepção de livros, reduzindo o seu preço, tornando-o acessível a um maior número de leitores. Contudo, pondera que a impressão não era a única forma de publicação de uma obra e que, durante muito tempo, a cópia manual conviveu com a impressa, havendo trabalhos compostos para serem declamados ou lidos em voz alta para um público ouvinte. Havia mesmo resistência da parte de alguns autores em imprimir seus textos, principalmente os teatrais.

Anteriores à invenção da imprensa houve outras revoluções na leitura tão importantes quanto aquela. Uma delas foi a passagem da leitura oral para a visual, silenciosa, na Idade Média. Essa nova forma de leitura criou a possibilidade de ler mais rapidamente, portanto, ler mais e textos mais complexos. Outro acontecimento revolucionário foi a passagem da leitura intensiva para a extensiva, graças ao crescimento da produção de material impresso e à proliferação de instituições (bibliotecas, clubes do livro, sociedades de leitura), que tornaram possível ler

sem ter que comprar. Essa “democratização” da leitura provocou uma nova atitude frente ao livro: uma relação mais descontraída para com a leitura tomou o lugar da postura sacralizada e autoritária. Entretanto, Chartier ressalva que o advento de uma forma de leitura não extinguiu a outra. No momento da segunda revolução praticava-se a leitura intensiva de autores como Richardson, Rousseau e Goethe, além disso, as camadas populares ainda dependiam da audição para tomar contato com a leitura, geralmente de livretos vendidos por mascates. Uma outra revolução da leitura, segundo o autor, é a que estamos testemunhando atualmente, trata-se da transmissão eletrônica de textos. Agora, produção, transmissão e leitura são processos simultâneos e um único indivíduo escreve, publica e distribui o texto. A partir daí alteram-se os conceitos jurídicos relativos aos direitos autorais, assim como as categorias literárias, as noções administrativas, os instrumentos bibliográficos da obra, enfim, o texto eletrônico remove a rígida limitação imposta ao leitor de intervir no livro. Para Chartier, *A passagem dos textos do livro impresso para a tela do computador é uma mudança tão grande quanto a passagem do rolo para o codex durante os primeiros anos da Era cristã* (ABREU, 2000: 28). Além disso, a textualidade eletrônica torna possível o sonho de uma biblioteca universal, disponível para qualquer um que tenha acesso a um computador, em qualquer canto do planeta. O projeto Gutenberg, que vem sendo desenvolvido nos Estados Unidos desde a década de 70, trabalha neste sentido, mas tem enfrentado muitos obstáculos, dentre os quais a dificuldade de financiamento para a aquisição de direitos autorais e pagamento de digitadores e outros funcionários.

No Brasil, a pesquisa sobre a história da leitura tem crescido muito nos últimos anos. O CEALE (Centro de Estudos sobre Alfabetização e Leitura), da UFMG e o Projeto Memória da Leitura, da UNICAMP, são exemplos de que tais estudos vêm se consolidando na academia. As publicações sobre o tema também têm aumentado, assim como o número de participantes do COLE (Congresso de Leitura do Brasil), o que denota uma disposição crescente por parte dos setores envolvidos com a leitura em colocá-la no topo das discussões sobre os elementos da cultura

que são determinantes para superar o atraso do Brasil em relação aos países de primeiro mundo. Em termos de pesquisa e publicações, entretanto, nota-se uma concentração de trabalhos referentes ao eixo sul-sudeste do país. Assim, julgamos oportuna uma pesquisa voltada para a história da leitura em Mato Grosso, onde praticamente não existem estudos específicos nessa área.

Nossa metodologia de trabalho constitui-se basicamente de dois procedimentos: pesquisa empírico-exploratória e pesquisa documental. A primeira vem se realizando através de entrevistas com sujeitos reconhecidamente leitores, selecionados, inicialmente, de acordo com sua projeção no meio cultural letrado mato-grossense e, num segundo momento, de acordo com sua formação/atuação profissional. Assim, primeiramente entrevistamos os membros da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso. Em seguida colhemos depoimentos de profissionais reputados pela comunidade local como leitores aficionados.

A pesquisa documental, concomitante à empírico-exploratória, vem sendo baseada em bibliografia sobre história de Mato Grosso, histórias da literatura, da cultura e do ensino no Estado. Os jornais e as estatísticas do IBGE também vem sendo utilizados como fontes de pesquisa documental.

Dos poucos títulos de que dispomos pode-se destacar a *História do ensino em Mato Grosso*, de Humberto Marcílio, que nos informa sobre acontecimentos importantes para o universo da leitura da época, como, por exemplo, a chegada dos primeiros salesianos a Cuiabá, fundadores do Liceu Salesiano São Gonçalo, em 1894; a organização, em 1897, da sociedade litero-musical Clube Minerva e da Sociedade Internacional de Estudos Científicos, esta última, com o objetivo de realizar conferências e estudos sobre geografia e história do Brasil e de Mato Grosso. O autor relata, ainda, que no início do século XX (1904), o recém criado Clube Internacional organizava conferências literárias, concertos e outros eventos culturais; já na década de 1950, ficamos sabendo que o Centro Artístico promovia cursos de teoria musical e arte poética para a comunidade cuiabana. Cremos que tudo isso pode ser interpretado como índices da existência de um público leitor e letrado entre nós.

Cabe destacar, ainda, um livro publicado pela editora da Universidade Federal de Mato Grosso, dedicado a Rubens de Mendonça. Nele temos reproduzido o discurso de posse na Academia Mato-grossense de Letras, em 1945, no qual Rubens de Mendonça relaciona alguns de seus autores preferidos, a saber: Padre Vieira, Machado de Assis, Graça Aranha, Oscar Wilde, Camões, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Rui Barbosa, Geovani Papini, Gervásio Leite e Arquimedes Lima, os dois últimos, mato-grossenses. Definindo-se como um autor da “ala moça”, Mendonça foi um dos fundadores, em 1939, da revista *Pindorama*, de orientação modernista. A produção bibliográfica desse autor é bastante extensa; alguns de seus títulos deverão ser analisados no decorrer de nossa pesquisa.

Outra obra que merece atenção especial, por ser a que mais se aproxima do espírito de nossa pesquisa, é *Do indivíduo ao grupo. Para uma história do livro em Cuiabá*, de Carlos e Neuza Rosa. Nela os autores registram os primeiros livros e bibliotecas trazidos a Cuiabá, tomando como referência a biblioteca de José Barbosa de Sá, cronista que chegou à cidade por volta de 1723. Após procederem ao exame do acervo da biblioteca de Barbosa de Sá, os autores tecem considerações relativas ao funcionamento e à política (“politicalha”, nas suas palavras) de duas bibliotecas públicas, uma mantida por cidadãos cuiabanos, outra pelo governo, na década de 1870. A biblioteca do Seminário Episcopal da Conceição também figura entre as mais antigas do Estado, sua inauguração data da década de 1860.

Recentemente a professora Hilda Gomes Dutra Magalhães lançou uma *História da literatura de Mato Grosso-Século XX* de grande significado como fonte de consulta. Conjugando a apresentação do contexto histórico à análise literária, sua obra tem contribuído muito no sentido de ampliar nossa compreensão sobre a dinâmica das manifestações literárias em Mato Grosso.

Dentre outras coisas, Magalhães (2001) nos informa que, nos primeiros decênios do século XX, Cuiabá ainda se encontrava bastante isolada do resto do país; o transporte para o Rio de Janeiro fazia-se por via fluvial e o percurso nunca demorava menos de 3 meses; a política local era marcada pela violência.

Entretanto, alguns indícios de modernidade já podem ser observados, como, por exemplo, a reforma do ensino, a fundação do Palácio da Instrução, da escolas Normal e Modelo, a inauguração da primeira empresa de telefonia, a chegada do cinema mudo. Além disso, em 1917, um intelectual assume o governo do Estado, o bispo Dom Aquino Correa, poeta de formação clássica, incentivou as atividades voltadas para a cultura, como a criação do Observatório Meteorológico e Sismográfico, do Instituto Histórico e Geográfico e do Centro Mato-grossense de Letras. Verificou-se também, no período, o surgimento de vários jornais e agremiações literários. O estilo literário praticado era, preferencialmente, o parnasiano, com uma temática voltada para a exaltação da natureza, portanto, uma poesia anacrônica, cujo maior representante foi Dom Aquino Correa. Neste começo do século XX há registros de sua participação no teatro. E em 1916, a professora Maria Dimpina, juntamente com outras companheiras, funda o Grêmio Literário Júlia Lopes, que perdurou até 1950, publicando bimestralmente a revista *Violeta*<sup>43</sup>.

Nas décadas de 1930 e 40, o Estado Novo trouxe a Mato Grosso um grande impulso político, econômico e social. Modernizaram-se os meios de transporte e comunicação, o que facilitou o contato com a capital do país. A descoberta de minério na região leste e a colonização da região sul do Estado trouxeram trabalhadores e investidores de outros estados, favorecendo o intercâmbio cultural. A produção literária, por sua vez, transita entre o antigo e o moderno, conjugando forças progressistas e conservadoras. Dentre as primeiras destacam-se os nomes de Lobivar Matos, Silva Freire e Manoel de Barros; contudo, a

---

<sup>43</sup> Sobre esta agremiação, uma de nossas entrevistadas, hoje centenária, conta que as reuniões eram realizadas após a missa com leitura de poesia, recitais de piano, conversas informais. Nas dependências do Grêmio instalou-se uma “Biblioteca Pedagógica Literária”, cujo acervo constituía-se basicamente de livros pedagógicos, romances sobre a mulher mãe de família e os livros de Júlia Lopes. Pelo que se pode depreender através do relato dos entrevistados, bem como do exame da revista *Violeta*, temos que suas autoras não tinham pretensões literárias, apenas precisavam de um espaço para se expressar.



maioria dos escritores mato-grossenses permanece mergulhada na estética do século anterior.

No final da década de 1950, o Modernismo ainda não havia sido assimilado pela intelectualidade local, exceto em algumas manifestações esporádicas, incentivadas pelo espírito das revistas *Pindorama*, *Ganga* e *Sarã*, a primeira exclusivamente modernista, a segunda bastante eclética e a última mais próxima dos concretistas de São Paulo. Apesar da fragilidade ideológica e estética da maioria dos textos publicados, tais revistas foram importantes, pois oportunizaram o surgimento de autores que impulsionaram a literatura mato-grossense no sentido de tirá-la do anacronismo em que se encontrava.

Na década de 1970, a divisão do Estado ampliou a rede viária e os meios de comunicação com as regiões menos populosas. Por outro lado, o predomínio do latifúndio acirrou os conflitos agrários. A criação da Universidade Federal de Mato Grosso e da FEMATA (Federação Mato-grossense de Teatro Amador) aqueceram o ambiente cultural, possibilitando o surgimento de uma literatura voltada ao público infanto-juvenil e o de uma prática poética com características mais universalizantes, enfim, a produção literária local desligou-se um pouco da preocupação com questões regionais, assumindo os emblemas da chamada pós-modernidade.

Ainda que de presença muito discreta no cenário nacional, não se pode mais ignorar a existência de uma literatura mato-grossense, cuja produção, entretanto, debate-se com o problema crônico da deficiência dos meios de publicação, o que dificulta a sua divulgação, inclusive regionalmente. Segundo Magalhães (2001), não há uma política de fomento e incentivo às artes literárias no Estado. Para o leitor mato-grossense, a literatura regional resume-se a Dom Aquino, único autor reeditado regularmente. Externamente, os escritores locais deparam-se com uma política editorial que espera de Mato Grosso apenas o pitoresco que possa agradar o leitor mediano.

Apesar de sua importância como fonte de pesquisa, as publicações acima não chegam a constituir uma história do livro ou da leitura. Falta-lhes a investigação sobre um de seus componentes mais importantes, sem o qual a trajetória literária

não se completa, ou seja, o leitor. Nossa pesquisa propõe-se a contribuir com o preenchimento desta lacuna.

Por meio das entrevistas que procuraram rastrear a memória de leitura de nossos informantes e, também, através de consultas às fontes bibliográficas, foi possível levantarmos dados que nos auxiliaram na compreensão de questões como: de que modo foram alfabetizados? Como tiveram acesso ao material impresso? Quais as primeiras leituras feitas e/ou quais as que causaram maior impacto sobre cada um deles enquanto leitores? Havia alguma política familiar ou escolar de incentivo à leitura?

Pelo apurado nas 30 entrevistas realizadas até o momento, temos que, quanto ao processo de alfabetização, 38% dos informantes foram alfabetizados na escola, e 62% foram alfabetizados fora dela (aqui, na maioria dos casos, pelos pais ou irmãos mais velhos). Quanto à natureza das instituições de ensino, constatou-se que 50% dos sujeitos estudaram em escolas da rede pública e os outros 50%, em escolas particulares.

No tocante à aquisição de material impresso, revelou-se que a maioria dos entrevistados (46%) adquiriam-no por meio das livrarias e bibliotecas de Cuiabá; 7% dos sujeitos por empréstimos pessoais; 12% por meio de empréstimos feitos em bibliotecas; 7% através da compra pelo reembolso postal; outros 7% obtinham material impresso nas suas viagens a grandes centros, como São Paulo e Rio de Janeiro; novos 7% por meio de vendedores ambulantes e 14% informaram que se valeram de todos estes meios para adquirirem material impresso.

Através dos depoimentos colhidos, verificou-se a carência de livrarias na cidade de Cuiabá, a maioria delas, papelarias que vendiam livros didáticos e, eventualmente, um livro de outra natureza era trazido por encomenda. As bibliotecas públicas eram incompletas e não tinham um lugar fixo, chegando, uma delas, a ficar por um tempo encaixotada. Nas escolas públicas onde os entrevistados estudaram não havia biblioteca, exceto no Liceu Cuiabano. Aqui cabe lembrar que este recebeu, no século XIX, o acervo do Gabinete de Leitura (primeira biblioteca pública de Mato Grosso). Observamos ainda que, atualmente, as bibliotecas públicas mato-grossenses não têm oferecido nenhum atrativo aos seus freqüentadores, isto devido ao acervo ultrapassado, à

precária manutenção dos edifícios, ao reduzido número de funcionários.

Uma das constatações que surpreendeu a equipe de pesquisadores foi o papel marcante do jornal como o primeiro e maior meio de acesso à leitura em Mato Grosso num determinado período. De 1839 a 1939, durante o primeiro século de existência da imprensa no Estado, circularam na província mais de 120 jornais. Embora de vida efêmera, foram jornais bem lançados, com boas equipes de redatores. Numa época em que era praticamente impossível aos escritores locais a publicação de seus livros, buscava-se o jornal como forma de divulgar esta produção intelectual. Ao lado dos muitos jornais constatou-se, também, a presença de revistas que contribuíram para o movimento intelectual no Estado, a começar pelas clássicas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e a da Academia Mato-grossense de Letras. Também merecem destaque a revista *Violeta*, órgão do Grêmio Literário Júlia Lopes e a revista *Pindorama*.

Quanto às políticas familiares e/ou escolares de incentivo à leitura, quase a totalidade dos informantes, 92%, revela ter sido incentivada pelos hábitos de leitura de sua família, ao passo que 8% garantem não ter recebido nenhum incentivo familiar nesta direção. Em contrapartida, 67% dos sujeitos apontam a existência de programas de incentivo à leitura na escola, enquanto 33% não se recordam de algum incentivo que não fosse o “normal” ou o “esperado” para uma instituição escolar.

O apresentado até aqui são dados parciais de uma pesquisa em andamento. Ainda há muito por fazer. Para a perfeita compreensão dos dados acima arrolados, faz-se necessário um trabalho de organização do material coletado, esquematizando-o em grupos temáticos. Em seguida, dever-se-á proceder a uma análise cuidadosa dos relatos obtidos na pesquisa empírico-exploratória, cotejando-os com os da pesquisa documental, sem perder de vista o recorte temporal e geográfico, bem como uma série de elementos que, examinados em seu conjunto e nas suas múltiplas inter-relações, irão ajudar a (re)fazer o percurso de parte da história da literatura no século XX em Mato Grosso. Finalmente, à luz de um referencial teórico adequado, espera-se

ter condições de traçar um quadro teórico que possa contribuir para completar o tripé sobre o qual se apóia o sistema literário, qual seja: autor, obra, leitor.

## **Bibliografia**

- ABREU, M. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo/Campinas: Fapesp/ALB/Mercado das Letras, 2000.
- CAVALLO, G. & CHARTIER, R. (orgs). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999. 2v.
- DEPARTAMENTO DE LETRAS DA UFMT. *Rubens de Mendonça: vida e obra*. Cuiabá: Imprensa Universitária, 1982.
- LAJOLO, M. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.
- MAGALHÃES, H. G. D. *História da literatura de Mato Grosso: século XX*. Cuiabá: UNICEN Publicações, 2001.
- MARCÍLIO, H. *História do ensino em Mato Grosso*. Cuiabá: Secretaria de Educação e Cultura, 1963.
- ROSA, C. & ROSA, N. *Do indivíduo ao grupo. Para a história do livro em Cuiabá*. Cuiabá: Gráfica Correio da Imprensa, 1975.
- ZILBERMAN, R. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.